



## FATORES DETERMINANTES DA PARTICIPAÇÃO PATERNA NA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL

*Jessica Rodrigues da Silva<sup>1</sup>, Andréa Grano Marques<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, UNICESUMAR, Maringá-PR. Bolsista PROBIC/UniCesumar.  
jessicadrigues@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do Mestrado em Promoção da Saúde da UNICESUMAR

### RESUMO

A participação paterna é fundamental para a promoção da saúde do grupo materno-infantil. Neste contexto, destacam-se a importância da presença do pai na assistência à saúde da mulher e da criança. Trata-se de um estudo qualitativo realizado no município de Maringá-PR. Foram selecionados os pais cujas companheiras eram gestantes primíparas que realizavam o pré-natal nas Unidades Básicas de Saúde. A amostra foi composta por dez sujeitos, com idade entre 19 e 39 anos, o instrumento de coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada. O presente estudo investigou os fatores determinantes da participação paterna nas consultas do pré-natal, o que nos possibilitou compreender que a carga horária de trabalho foi o principal fator que impossibilitou participação paterna nestes momentos singulares do processo gestacional. Espera-se que os resultados deste trabalho estimulem a elaboração de estratégias para a inclusão da figura paterna no acompanhamento pré-natal e, que outras pesquisas sobre a constituição da paternidade sejam realizadas.

**PALAVRAS – CHAVE:** Cuidado pré-natal; Gestação; Paternidade; Promoção da Saúde.

### 1 INTRODUÇÃO

A mulher, em seu período gestacional, passa por um processo de intensas transformações físicas, psicológicas e sociais, ligadas a constituição da maternidade e da paternidade (MALDONATO, 2010). Tais transformações ocorrem não somente na vida da mulher, mas também na vida do homem, pois ao nascer uma criança, nasce uma mãe e um pai.

Devido as grandes mudanças advindas desse período, a mulher no ciclo gravídico puerperal necessita de apoio social, profissional e familiar, sendo que dentre todos os familiares o suporte paterno é considerado o principal (SILVA, SANTIAGO e LAMONIER, 2012). O apoio emocional e a qualidade da relação conjugal propicia à mulher experiências mais positiva em relação à gestação e ao parto (HEE e YOUNG, 2015). O apoio pode ser oferecido de várias maneiras, uma delas é a presença nas consultas, exames e outras atividades realizadas na assistência pré-natal. Segundo Figueiredo e Marques (2011) a inserção do homem no acompanhamento pré-natal contribui para o estabelecimento do vínculo entre o pai e o bebê.

Santos e kreutz (2014) consideraram que o envolvimento paterno no processo gestacional constitui-se a base para o relacionamento entre o pai e o bebê, após o nascimento da criança. Contudo, apesar da importância da presença paterna tanto para a mulher quanto para a criança, ainda em formação, sua presença no pré-natal não é frequente. É fundamental a participação paterna na assistência pré-natal, pois durante as consultadas os profissionais de saúde podem orientá-los sobre o processo gestacional, enfatizando as modificações fisiológicas e psicológicas que ocorrem ao longo da



gestação, estimulando a interação entre o casal e a participação no parto e puerpério (FIGUEIREDO e MARQUES, 2011; FERREIRA et al., 2014).

Apesar dos estudos descreverem a importância de ampliar a assistência pré-natal envolvendo o parceiro da gestante, não existem contribuições expressivas na literatura sobre as dificuldades e desejos paternos diante do processo gestacional. Considerando-se a importância da Rede Cegonha ao acompanhamento da mãe e do bebê, assim como da inclusão paterna neste processo, o presente estudo analisou os fatores que determinam a participação paterna na assistência pré-natal.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. A amostra da pesquisa foi composta por dez homens, com idade entre 19 e 39 anos, cujas esposas realizavam o pré-natal nas Unidades Básicas de Saúde, na cidade de Maringá – PR. Para uma maior homogeneidade da amostra, foi definido como critérios de inclusão, que os participantes fossem esposos de gestantes primíparas, residindo na mesma residência.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada elaborada com questões abertas considerando-se os objetivos da pesquisa. A pesquisa investigou a inserção paterna no processo gestacional e as expectativas, sentimentos e dificuldades relacionadas a participação paterna na assistência pré-natal. As entrevistas foram transcritas pelas pesquisadoras e os dados coletados foram tratados utilizando-se a ferramenta Atlas TI para a realização da pré-análise, organização dos conteúdos e codificação e categorização dos discursos. A última etapa da análise interpretou os discursos segundo o referencial teórico previamente selecionado.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCesumar, com o parecer nº 1.440.936.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os entrevistados cinco deles relataram participar da assistência pré-natal na Unidade Básica de Saúde e declararam que foram convidados pela equipe ou por suas esposas. Houve também aquele que participou mesmo sem ter sido convidado, como pode-se observar nos seguintes discursos:

*“Eu participo de todos os pré-natais só não estive presente no último. Fui convidado pela médica e minha esposa [PAI 5]”. “Vou em todas as consultas de pré-natais da minha esposa, ninguém me convidou, mas vou por vontade própria [PAI 6]”.*

Verificou-se que os pais que trabalham como autônomos ou possuem seu próprio negócio, têm a possibilidade de controlar e organizar seus horários o que permite a sua participação:

*“Trabalho de autônomo, daí tenho meu sócio, eu falo pra ele que os dias que vou com ela no médico vou só depois do almoço” [PAI 8]. “Agora sim, antes eu trabalhava fixo, não estava conseguindo ter contato nenhum com o pré-natal, com a minha esposa, agora que tô trabalhando como autônomo tô conseguindo [...] depois que sai do meu emprego e comecei a trabalhar como autônomo, que eu vi que isso estava me limitando e eu não conseguia participar” [PAI 2].*

Os demais entrevistados declararam que não conseguem participar do acompanhamento do pré-natal em função do trabalho, pois as empresas não permitiam



que os mesmos realizassem outras atividades no horário de trabalho. Desse modo, demonstraram sentir-se mal, por não poderem estar próximos da esposa e do bebê, ainda em formação, como nos seguintes fragmentos:

*“Não participo [...] Não posso, não tenho tempo, meu patrão não me libera... Se tivesse disponibilidade eu queria participar, mas não tem como” [PAI 1]. “Me sinto mal, a vontade era estar próximo, em todas as consultas estar lá, mas, no início, desde a primeira consulta já não estava aqui na cidade, estava trabalhando, mas me sinto mal” [PAI 7].*

O pai ainda é visto como ator coadjuvante nesse processo, portanto ele não possui os mesmos direitos da mãe, não possuindo licença do serviço ou flexibilização de seus horários de trabalho para participar de consultas pré-natais, tampouco possui espaço para compartilhar suas ansiedades e experiências em relação à gravidez e aprender sobre os cuidados necessários durante a gestação, parto e puerpério (RIBEIRO et al, 2015).

Considerando a representação social da paternidade, percebe-se que os pais são associados prioritariamente à figura de provedores da família (CORTEZ et al., 2016). O fato de serem vistos dessa maneira traz a responsabilidade de ter que trabalhar para trazer o sustento à família, isso faz com que eles se tornem reféns do mercado de trabalho, pois os mesmos precisam atender as necessidades da empresa, para permanecer no emprego, impossibilitando-os de acompanhar os pré-natais.

Apesar da dificuldade enfrentada pelos pais os mesmos relataram o desejo de participarem da assistência pré-natal ou outra atividade de orientação e inclusão paterna, em horários alternativos, como nos seguintes relatos:

*“[...] Gostaria de participar se tivesse um horário ou uma data assim acessível durante a semana mesmo, antes das seis horas é inviável pra mim” [PAI 1]. “[...] devia ter algum tipo de projeto pros pais acompanharem mais, as vezes devido o trabalho os pais não conseguem acompanhar, [...] eu queria mesmo que tivesse alguma coisa que incentivasse mais” [PAI 2].*

As Unidades Básicas de Saúde, onde foram realizadas as pesquisas, não oferecem serviços com o objetivo de incluir a participação paterna no processo gestacional, parto e puerpério, entretanto foi constatada a demanda por parte dos pais que compuseram a amostra deste estudo. Estes resultados corroboram com o estudo realizado por Shia e Alabi (2013) que relatou o interesse dos pais em participar de grupo de pré-natal, assim como o desejo de participar do nascimento do filho. Estas aulas serviriam como um momento para que os homens pudessem expressar seus sentimentos e emoções de se tornarem pais, além de poder tirar esclarecer sobre o processo gestacional e prepara-los para o parto.

Mas para que seja realizado um grupo de educação para a saúde no pré-natal, o qual incluiu a participação paterna, Reberte e Hoga (2010) nos mostra a importância de considerar as funções que os pais exercem atualmente no mundo do trabalho, os mesmos possuem dificuldade para se ausentar do trabalho, e ter acesso a liberação para participar de atividades relacionadas à educação em saúde. Sendo necessário oferecer horários mais flexíveis, mais opções durante a semana, para que os pais possam participar.

Outro aspecto observado na presente pesquisa foi o sentimento de inclusão no processo gestacional, pois foi relatado que embora o marido acompanhe sua esposa na Unidade Básica de Saúde para as consultas, o mesmo pode não se sentir participante do mesmo, como no relato:

*“Fui somente em algumas consultas mas não entrei, por isso respondi que não participo, mas ela vai, o médico*



*fala as coisas pra ela e ela repassa pra mim, é dessa forma que eu participo [...] [PAI 7]*

Para Ribeiro et al., (2015) apesar de o período gravídico-puerperal ser fundamental na construção da paternidade muitos pais não se sentem participativos e nem integrantes deste período. De acordo com Pierre e Clapis (2010) isto ocorre, pois nem sempre a equipe de saúde esta preparada ou disponível para atender as necessidades e demandas paternas. É importante que a equipe tenha não apenas competência técnica mas sobretudo que realize a escuta qualificada e o acolhimento.

Apesar dos homens, na maioria dos casos, receberem o apoio e o estímulo de sua esposa para a participação na assistência pré-natal, verificou-se que foi relatado a não permissão por parte da mulher, mesmo o companheiro expressando o desejo de acompanhá-la.

*“Tô vindo a primeira vez hoje. É porque ela não deixava eu ir, ela ia com o tio ou com a vó [...] eu queria vim desde a primeira vez, mas ela vinha sempre com alguém da casa dela, que ela achava que se não fosse parente não ia dar certo”. [PAI 8]*

Para Jager e Bottoli (2011) a participação do pai nos cuidados com o bebê é um processo que deve ser iniciado na gestação e depende do seu desejo, assim como da postura da mãe para envolver este pai e possibilitar a sua entrada nesta relação. Segundo Santos e Kreutz, (2014) a interação entre o pai e o bebê é mediado pela figura materna, ela pode compartilhar com o pai o que esta sentindo, ajudando-o na construção do sentimento de paternidade e na criação de vínculo, contribuindo para que ele possa sentir-se pai durante a gravidez e não somente após o nascimento da criança.

Verificou-se que os pais participam da gestação de diversas maneiras, por meio do acompanhamento das consultas, realização de ultrassonografias, dando atenção a gestante, ajudando-as no que precisam e conversando com o bebê. Mesmo aqueles que não possuem muito tempo relataram participar, de acordo com suas possibilidades, mas com o reconhecimento de que deveriam fazer mais, como nos seguintes relatos:

*“Eu sempre acompanho ela trazendo ela aqui no posto de saúde [...]”. [PAI 3]. “É muito bacana principalmente quando escuta o coraçãozinho dela saber que está tudo bem [...]”. [...] Em casa eu acompanho estando sempre próximo, dando toda a atenção que ela necessita”. [PAI 7]. “[...] não tenho muito tempo, a única maneira que participo da gestação é que de vez enquanto converso com a bebezinha na barriga, mas isso é o mínimo, devia fazer muito mais, mas não tenho feito”. [PAI 1]*

Estes achados foram descritos no estudo realizado por Santos e Kreutz (2014), onde os pais relataram participar do período gestacional de diversas maneiras, acompanhando as consultas do pré-natal e dos exames, dando apoio emocional e material, envolvendo-se nos preparativos para a chegada da criança, e tendo contato com o bebê, ainda dentro do útero materno.

De acordo com Mahler (1993) é fundamental o acompanhamento do pai no desenvolvimento da criança, pois é a partir dessa interação que é desenvolvido os aspectos cognitivos e sociais da criança. Deste modo, o acompanhamento paterno deve ser iniciado na gestação, para que o vínculo possa ser estabelecido entre pai e filho. Os dados da pesquisa demonstraram que os pais que participaram do pré-natal sentiram-se felizes e realizados por acompanhar o desenvolvimento do seu filho, como se pode observar na seguinte fala:



“Eu quero estar presente em todos os momentos da gestação da minha mulher. Me sinto feliz e ansioso, porque é a primeira filha minha e quero por ela em meus braços e ver o rostinho dela” [PAI 6].

O acompanhamento do período gestacional não é importante somente para a mãe e o bebê, mas é muito significativo para o pai, pois as transformações decorrentes da gestação são biopsicossociais, uma vez que ao nascer o bebê nasce uma família.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer da pesquisa ficou evidente que vários fatores interferem na participação do pai na assistência pré-natal, dentre eles destacou-se à incompatibilidade de conciliar os horários do trabalho com os das consultas, sendo possível a participação somente dos pais que exercem atividades autônomas. Desta forma, faz-se necessário ampliar a reflexão sobre os benefícios da presença do progenitor do sexo masculino para a promoção da saúde do grupo materno-infantil. Outros fatores relevantes que dificultaram a inclusão paterna neste processo foi a postura da mulher em permitir o acompanhamento e participação paterna, a inexistência de programas destinados aos homens e o despreparo dos profissionais para a inclusão da figura masculina.

Concluiu-se que a inclusão paterna na assistência pré-natal é um fenômeno complexo que envolve não apenas o desejo masculino de participar do processo gestacional, mas também dispositivos legais que permitam a sua inclusão sem prejuízos no trabalho. Assim como, o preparo das equipes de saúde da unidade básica e da saúde da família para receber e acolher a figura paterna no processo gestacional. Espera-se que os resultados deste trabalho estimulem a elaboração de estratégias para a inclusão paterna no acompanhamento pré-natal e, que outras pesquisas sobre a constituição da paternidade sejam realizadas.

#### REFERENCIAS

CORTEZ, M.B; MACHADO, N.M; TRINDADE, Z.A; SOUZA, L.G.S. Health professionals and lack of assistance to the man and father: an analysis of social representations. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 1 p. 53-63, jan./mar. 2016.

FERREIRA, T. N.; ALMEIDA, D. R.; BRITO, H. M.; CABRAL, J. F.; MARIN, H. A.; CAMPOS, F.M.C.; MARIN, H.C. A importância da participação paterna durante o pré-natal: percepção da gestante e do pai no município de Cáceres – MT. **Revista eletrônica Gestão e Saúde**. 2014, Vol. 05, nº 02, p. 337-45.

FIGUEIREDO, M.G.A.V.; MARQUES, A.C. Pré-natal: Experiências vivenciadas pelo pai. **Cogitare Enferm**. 2011; 16(4):708-13.

HEE, L.S.; YOUNG, L. E. Factors Influencing Maternal-Fetal attachment in High-Risk Pregnancy. **Advanced Science and Technology Letters** Vol.104 (Healthcare and Nursing 2015), pp.38-42.

JAGER, M.E.; BOTTOLI, C. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. **Psicol. Teor.Prat**. 2011;13(1):141-53.



MAHLER, M.S. **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. Porto Alegre:Artes Médicas;1993.

MALDONADO, M.T, Dickstein J. **Nós estamos grávidos**, São Paulo: Integrare; 2010.

PIERRE, L.A.S; CLAPIS, M.J. Planejamento familiar em Unidade de saúde da família.

**Rev. Latino-Am. Enfermagem** [internet]. Nov-dez, 2010.

REBERTE, L. M.; HOGA, L. A. K. A experiência de pais participantes de um grupo de educação para a saúde no pré-natal. **Ciência y enfermería xvi** (1), 2010.

RIBEIRO, et al. Participação do pai na gestação, parto e puerpério: Refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. **Rev. Espaço para a Saúde**, Londrina. v. 16, n.3, p. 73-82, 2015.

SANTOS, Simoni Crochi; KREUTZ, Carla Meira. O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. **Pensando Famílias**, 18(2), dez. 2014 (62-76)

SILVA, B.T.; SANTIAGO L. B.; LAMONIER, J.A. Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão integrativa. **Rev Paul Pediatr** 2012; 30(1): 122-30.

SHIA, Nessie e ALABI, Oluseyi. An Evaluation of Male Partners' Perceptions of Antenatal Classes in a National Health Service Hospital: Implications for Service Provision in London. **The Journal of Perinatal Education**. Winter 2013, Volume 22, Number 1.